

Basílio da Gama

Ao Ilmo. e Exmo. Senhor
Conde da Cunha
Vice-Rei e Capitão General
De Mar e Terra do Estado do Brasil
No Dia dos seus Faustíssimos Anos
A 5 de janeiro de 1767

Ode

[I]

Outros cantem as bélicas fadigas
Dos vossos imortais progenitores,
E as vitórias antigas,
De que são testemunhas
A Serpe d'oiro e as azuladas cunhas.

[II]

Que eu das vossas proezas
Direi, alto Senhor, a menor parte;
E quero, ao som da Lira,
Ajuntar mais um eco à vossa glória,
Sem abrir os anais da antiga história.

[III]

A África inculta, e feia,
Que estende a várias partes,
Fértil de monstros, a deserta areia,
Ilustrada por vós de novos lumes,
Aprendeu menos ásperos costumes.

[IV]

Se vemos restaurado o luzimento
Da tropa militar, se as Ilhas gemem
Com o peso de seguros edifícios,
Que encerram no Oceano
Todos os raios que forjou Vulcano;

[V]

Se Admirá o caminhante
Nos lugares vizinhos,
Os vistosos caminhos,
Os jardins odoríferos, e belos,
E os montes coroados de Castelos;

[VI]

Se inimigos insultos não tememos,
A vós é que se deve a segurança;
Vós fazeis sem tardança
Que as selvas nos marítimos lugares
Desçam dos montes a povoar os mares.

[VII]

O robusto madeiro,
Que nasceu nestes climas quase eterno,
Vai ver nos mares o primeiro inverno,
E abrindo as velas brancas e redondas,
Passa a ser novo habitador das ondas.

[VIII]

Não mais a antiga idade
Celebre a nau guerreira,
Que se atreveu primeira,
Descobrimo diversos Horizontes,
Perder de vista os montes.

[IX]

Eu vi que o Deus Netuno se aparelha
A sustentar nos ombros
O edifício nadante, que, adornada
De pintadas madeiras peregrinas,
Afronta o mar com as Lusitanas Quinas.

[X]

Por vós as leis florescem,
E a ditosa abundância
Entorna os seus tesouros sobre a terra:
Do seu antigo assento
A pigra ociosidade se desterra

[XI]

A augusta sombra do famoso Tio,
Que no meio de tanta invicta tropa
Deu as pazes à Europa,
Ao ver nas vossas mãos todo o governo,
Fica vaidosa no descanso eterno.

[XII]

O vosso ilustre Irmão, ao pé do trono
Na soberba Lisboa,
Atlante da Coroa,
Nas próprias mãos encerra
O arbítrio dos estranhos e da guerra.

[XIII]

Mas vós tendes mais glória,
Pois quisestes pelo mar profundo
Dar leis ao novo Mundo
Em remoto Hemisfério,
Alma real, digníssima de Império.

[In: TEIXEIRA, I. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: EdUSP/Fapesp, 1999, p. 266-69.]